

Atualidades

CONJUNÇÃO ASTRAL ADVERSA: IDH E AUTO-ESTIMA EM BAIXA

Josef Barat*

Vinte e cinco anos sem um projeto de nação aniquilam a auto-estima até de um povo cordial

No calor da polêmica gerada pela divulgação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das Nações Unidas, baseado em indicadores de expectativa de vida, educação e padrão de vida, IBGE e Unesco se eximiram do uso de dados defasados de alfabetização no cálculo do índice brasileiro. Tal defasagem foi um dos motivos apontados para que o Brasil alcançasse o 72º lugar, entre 177 países. Ficamos atrás da Argentina (34º), Uruguai (46º) e México (53º). Uma vergonha! Em 2003, o País apareceu na 65ª posição. Uma vergonha, também, embora ligeiramente menor... O assunto gerou uma polêmica ridícula entre membros dos governos Lula e FHC, discutindo-se - como na velha anedota - se o sofá deveria ser retirado ou não da sala de visitas. Falou-se em manipulação de dados e condenou-se a tentativa de dar conotação política ao caso. A taxa de analfabetismo usada foi a do Censo 2000 (13,6%), em vez da mais recente (11,8%), da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), de 2002. O dado da PNAD poria o Brasil na 68ª posição. Ah bom! Depois de toda a discussão ficamos aliviados por saber que temos "apenas" 12% de analfabetos e não 14%, aí não incluída a legião de analfabetos funcionais. Dada a indigência do atual debate econômico, nem se chegou perto das

causas estruturais da desigualdade e pobreza que, por se perpetuarem, acabam sendo reveladas na nossa humilhante posição no IDH. Afinal, é mais fácil discutir critérios metodológicos...

Veio, em seguida, uma campanha para a recuperação da auto-estima dos brasileiros. Como sempre, o "oba-oba" publicitário encobriu uma pergunta crucial e intrigante: como uma economia diversificada e fortemente industrializada pode manter padrões tão vergonhosos de desigualdade social? No quarto volume da sua série sobre o regime militar, o jornalista Elio Gaspari cita, de passagem, o comentário de um brasiliense, Donald Coe, a propósito da euforia gerada pelo chamado "milagre econômico". Disse ele numa frase singela, mas contundente: "Os dirigentes autoritários dos anos 70 pareceram acreditar que o Brasil poderia virar uma superpotência com empregada doméstica." Pode-se, por este caminho, chegar um pouco mais próximo do âmago da questão. Mas é preciso pensar de forma abrangente na crise que tolda o nosso crescimento há 25 anos. Se foi possível crescer continuamente ao longo de cem anos - entre 1880 e 1980 - com taxa média anual próxima de 6%, por que já estamos na terceira década perdida, com a taxa de crescimento econômico empataada com a do demográfico (cerca de 2%), gerando o aumento intolerável do desemprego, marginalidade social e pobreza? Vinte e cinco anos sem um projeto de nação, sem perspectivas e sem esperança, aniquilam a auto-estima, até de um povo cordial.

A questão é intrigante. Olhando para o passado, conseguimos transitar de um ciclo exportador e de economia aberta (1880-1930) para um outro de industrialização acelerada, economia fechada e substituição de importações (1930-1980). Nesta passagem houve a aliança de inte-

* O autor é membro do Conselho de Economia, Sociologia e Política da Federação do Comércio do Estado de São Paulo e livre-docente pela UFRJ.

resses políticos, empresariais, sindicais, apoiados nas elites intelectuais e militares, com vistas à necessidade da industrialização. A mobilização foi levada adiante pela reestruturação funcional do Estado brasileiro e amparada no processo de fechamento da economia e reservas de mercado. O intervencionismo estatal e a proteção das “indústrias nascentes” não diferiram muito do que se praticou em países industrializados, como o Japão, Alemanha e França, em outros momentos. Tivemos, ao longo de cinco décadas, um ritmo acelerado de difusão do consumo e de incorporação de significativos contingentes populacionais ao mercado. Mas a dualidade brasileira, ou seja, a enorme distância entre ricos e pobres, continuou a existir.

Mas o que se precisa entender agora é por que na década de 1980, quando foi necessária uma nova transição análoga à da década 1930, não se conseguiu a articulação política das elites brasileiras para uma redefinição do projeto de nação que nos permitiria entrar no século 21 com maior inclusão social? O regime militar levou ao extremo a presença estatal e a industrialização pela substituição de importações. O País teve um dos crescimentos mais notáveis do mundo, acompanhado por uma espantosa diversificação da capacidade produtiva. Mas o descontrole inflacionário, a redução drástica da poupança estatal e a perda de competitividade da indústria deixaram o País despreparado para o pesado jogo da globalização. Mas por que não se concebeu um projeto de abertura planejada e alargamento do mercado interno? Talvez a explicação seja a de que a transição da década de 1930 e 1940 não requereu o rompimento da dualidade econômica e social que nos acompanha desde os tempos coloniais. Mas a de 1980, ao contrário, exigiu essa ruptura e uma integração efetiva dos dois lados da dualidade brasileira: a parte moderna e inserida na dinâmica mundial do desenvolvimento tecnológico teria de absorver o seu avesso, atrasado, de baixa produtividade e miserável. Ape-

sar da redemocratização do País, infelizmente não houve a possibilidade de um amplo compromisso político para que isso ocorresse. Sem o entendimento, não se passou para um novo ciclo sustentado de crescimento.

É verdade que já não se fazem lideranças como antigamente. O número de Pinóquios cresce a taxas alarmantes e os Grilos Falantes parecem estar ameaçados de extinção. É verdade, também, que todo o sistema educacional não está preparado para qualificar os recursos humanos do País diante às exigências de mudanças tecnológicas e inventividade, necessárias para dar sustentação ao desenvolvimento no longo prazo. A posição no ranking do IDH deveria provocar profunda reflexão sobre qual a auto-estima que será legada para as futuras gerações. Continuaremos sonhando em ser uma superpotência com senzala?

(Transcrito de *O Estado de S. Paulo* - Quarta-feira,
21 de julho de 2004)

A IMPORTÂNCIA DO CAPITAL MORAL

*Ubiratan Iorio**

Desde que Irving Fischer, em 1910, definiu o capital como “qualquer ativo capaz de proporcionar fluxo de rendimentos ao longo do tempo”, os economistas passaram a desmembrá-lo em três grandes blocos: físico, humano e tecnológico, respectivamente, o somatório dos investimentos em máquinas, equipamentos, construções e instalações, a soma do que se investiu em educação e saúde e os gastos aplicados em pesquisa. O próprio crescimento econômico pode ser bem entendido como processo de acumulação generalizada de capital, uma sucessão, ao longo do tempo, de investimentos nas três formas de capital, com o efeito de elevar a capacidade produtiva, ano após ano.

* O autor é economista e articulista do *Jornal do Brasil*.

Mas existe uma quarta forma de capital – o capital moral – tão importante quanto sistematicamente desprezada pela maioria dos economistas, que ajuda a explicar por que muitas nações ou regiões conseguiram desenvolver suas economias e outras não.

O que vem a ser o capital moral de uma sociedade? Resumindo, é o conjunto de hábitos, tradições, usos, costumes, atitudes e ações, fruto da herança acumulada durante gerações na sociedade ocidental, dentro do espírito que é a base de nossa civilização, que é o inestimável legado deixado pelo Antigo e pelo Novo Testamento. É aquele conjunto de preceitos básicos que, em última instância, permitem que se possa viver em sociedade, que nos levam a crer no respeito e na solidariedade ao próximo, a aceitar e acatar os direitos consagrados pela Lei Natural, a rejeitar vícios e a enaltecer virtudes, a acreditar que o trabalho duro é elemento edificante da dignidade humana, a amar a vida antes e depois do nascimento, a ter espírito público... É, enfim, o que se costuma denominar de “tradição judaico-cristã”.

Para estoques idênticos de capital físico, humano e tecnológico, hipoteticamente existentes em dois países, A e B, se o país A possui um estoque de capital moral superior ao do país B, então sua economia e sua sociedade conseguirão atingir padrões de desenvolvimento superiores, tanto quantitativa como qualitativamente. Mas um plano sub-repticiamente assestado contra o Cristianismo e o Judaísmo e que tem o movimento esquerdista internacional por trás bombardeia diariamente a mídia com ataques a tudo o que possa sugerir algum respeito aos valores que compõem o capital moral das sociedades. Curiosamente, falando no “social”, minam a sociedade.

Quando um ministro do STF manifesta-se, intempestiva e inapropriadamente, em favor dos abortos nos casos de anencefalia, taxando-os que se opõem a esse crime de “fundamentalistas religiosos”; quando um livro execrável e mentiroso como o do suposto “código” atribuído a

Leonardo da Vinci; quando tantas vezes declaram-se favoravelmente ao aborto, alegando que a mulher teria “direito” ao seu corpo (esquecendo-se que o feto também possui um, mesmo que, ao nascer, viva apenas alguns minutos); quando, na França e em outros países da Europa, proíbe-se o uso de símbolos religiosos até em escolas; quando se tenta, em todos os cantos, paganizar a festa do Natal; quando a ditadura comunista da China executa anualmente milhares de cristãos; quando, enfim, se ataca as instituições da família e do matrimônio, estabelecem-se cotas disto e daquilo, joga-se homens contra mulheres, negros contra brancos e se faz do hedonismo um fim a ser buscado a qualquer preço, é porque o estoque de capital moral está sob intenso ataque, sob as barbas de todos, mas sem que isto seja percebido por parte de quase todos.

Nossa sociedade é a soma de três grandes sistemas, o da economia, o da política e o dos valores éticos e morais. Quando o estoque de capital moral se vê ameaçado, o organismo social acaba sendo inevitavelmente contaminado. Nosso velho mundo está doente.

IMPOSIÇÃO DA DEMOCRACIA NO MUNDO

*Manuel Cambeses Júnior**

A promoção da democracia no mundo, pedra angular da atual doutrina neoconservadora estadunidense, transformou-se em prioridade absoluta para a política externa do presidente George W. Bush. As bases conceituais desta política estariam calcadas nas idéias esposadas por Woodrow Wilson e Leo Strauss.

O presidente Wilson, que governou os Estados Unidos durante a Primeira Guerra Mundial e que tentou desenhar uma nova ordem mundial que pudesse ser posta em prática após

* O autor é Coronel Aviador.

o grande conflito, acreditava piamente na missão de difundir pelo mundo os valores democráticos e que tornavam os Estados Unidos uma nação de características excepcionais.

Strauss, um imigrante da Alemanha nazista transformado em professor de política na Universidade de Chicago, depreciava a neutralidade e o relativismo na política e insistia na necessidade de assumir posições mais radicais a serviço dos valores democráticos. Isto incluía a noção de “mudança de regime” como modo de livrar-se de governos de distinta natureza. Para ambos, entretanto, os Estados Unidos estavam destinados a jogar um papel determinante na difusão da democracia em nível mundial.

George W. Bush, totalmente convencido do papel que a providência divina lhe outorgou, acolheu a filosofia política neoconservadora na missão sagrada de projetar os valores da “Nova Jerusalém” sobre os quatro pontos cardeais.

Entretanto, mais além dos mitos, o realismo político exige respostas a muitos questionamentos. O que fazer com aquelas culturas islâmicas ou confucianas que enfatizam a solidariedade e a coesão grupal acima da liberdade individual? Culturas milenares que visualizam as idéias liberais ocidentais como tremendamente estranhas, perigosas e agressivas, em que o princípio da autoridade muitas vezes se identifica com a figura do páter-famílias e onde a obediência social se assenta basicamente na tradição. O que fazer para evitar que no caminho que conduz aos anjos não se resvale para o terreno destinado aos diabos?

O Iraque é um exemplo incontestado de como na busca da democracia se pode cair na violência, no caos social e no risco do desmembramento estatal. O país mesopotâmico é também um bom exemplo do que poderia chegar a ocorrer em grande escala em uma região dominada por fronteiras artificiais, controvérsias territoriais, populações e etnias irredutíveis e arraigadas em suas crenças, além da presença de um Islã radical, ferozmente militante e enfaticamente ideologizado.

Como garantir que a democracia traga consigo regimes que estejam de acordo com os desejos dos norte-americanos? Da mesma maneira em que Slobodan Milosevic assentou seu poder nos votos do ultranacionalismo sérvio, e os fundamentalistas estiveram a ponto de chegar ao poder na Argélia, pela via eleitoral, é impossível predizer para onde conduzirá esse tortuoso caminho. Somente é possível supor que o antiamericanismo prevalecente no mundo muçulmano certamente não augura nada de bom aos interesses de Washington.

Sobre que bases julgar o tipo de democracia desejável para o mosaico de crenças de cada país? É aquela que respeita as formas a expensas de maior grau de anarquia ou é aquela para a qual o resgate do princípio da autoridade pode impor limitações nas formas?

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, tem sido criticado freqüentemente pelos Estados Unidos por suas tendências autoritárias; entretanto, isto parece satisfazer às exigências dos cidadãos russos na busca de grau maior de ordem em seu país.

Woodrow Wilson invocava a democracia como a melhor forma de livrar-se dos impérios. O atual governo estadunidense, entretanto, busca propagar a democracia pelo mundo a partir da capacidade coercitiva que deriva de seu portentoso poder imperial. Não é à toa que os neoconservadores se autodenominam de imperialistas democráticos. Estranha maneira essa de conceber a democracia.

(Transcrito do *Monitor Mercantil*)

EUA DESENVOLVEM ARMAS NUCLEARES DO FUTURO

William J. Broad

Preocupados com o envelhecimento e a fragilidade do arsenal nuclear dos EUA, cientistas norte-americanos começaram a desenvolver uma

nova geração de armas – mais robustas, confiáveis e duráveis, revelaram fontes do governo e do setor privado.

O objetivo do programa é reduzir o arsenal e os custos de manutenção. Mas críticos dizem que a iniciativa poderá dar lugar a uma nova corrida armamentista. Até agora, o esforço envolve apenas US\$ 9 milhões para redesenho de ogivas nucleares nos três laboratórios de armas atômicas do país – Los Alamos, Livermore e Sandia.

Relativamente pequeno, o programa inicial envolve menos de cem pessoas, mas deverá crescer e desenvolver projetos nos próximos cinco a dez anos. Se ele obtiver sinal verde do governo, os protótipos das novas ogivas representarão uma mudança fundamental em design e filosofia.

Durante décadas, os criadores de bombas nucleares procuravam usar os mais avançados métodos e tecnologias. Como resultado, as ogivas se tornaram leves, muito poderosas e, em alguns casos, tão pequenas que uma dúzia delas podia ser instalada num míssil. O estilo norte-americano era o mais avançado. A maioria das outras potências nucleares, com menos tecnologia e especialistas, contentava-se com menos. Suas armas nucleares estavam mais para um carro de série do que para um bólido de corrida.

Agora, os cientistas norte-americanos estão estudando como fazer armas mais robustas, de algum modo estimulando os rivais num esforço para evitar a incerteza e a deterioração da velha ordem nuclear. Especialistas temem que peças críticas do arsenal, se algum dia tiverem de ser usadas, falhem.

Testes subterrâneos estão proibidos em todo o mundo

Inicialmente, as 10 mil ogivas nucleares do arsenal norte-americano tinham uma expectativa de cerca de 15 anos de duração. Hoje, a idade média delas é de 20 anos, e algumas são muito mais antigas. Especialistas dizem que um dispendioso programa federal para verificar a confiabilidade das armas não pode ser mais usado porque

um acordo internacional proibiu os testes nucleares subterrâneos.

Resume John R. Harvey, diretor de planejamento da Administração Nacional de Segurança Nuclear:

– Nosso objetivo é fazer ogivas mais práticas e baratas, cuja confiabilidade possamos verificar sem a necessidade de testes nucleares.

(Do *New York Times*)

POTÊNCIA, MAS SEM INFLUÊNCIA

*Rubens Barbosa**

O National Intelligence Council (NIC), órgão de pesquisa e de formulação estratégica da CIA, deu recentemente publicidade a dois interessantes trabalhos sobre as tendências globais e os cenários para o mundo em 2020.

No documento *Tendências Globais 2015*, o NIC selecionou alguns fatores que determinarão a conformação do mundo até 2020: demografia, recursos naturais e meio ambiente, ciência e tecnologia, economia global e globalização, governança nacional e internacional, futuros conflitos e o papel das Nações Unidas.

O outro trabalho *Panorama Global em 2020*, de certa forma, complementa o primeiro estudo e mostra como a ordem internacional está passando por profundas transformações e como em 2020 o mundo será marcadamente diferente do de 2004.

As transformações que ocorrerem serão influenciadas pela globalização e suas contradições, pelas modificações no panorama geopolítico com o aparecimento de novas potências, pelos novos desafios à governança e por um sentido mais difundido de insegurança.

As principais conclusões do trabalho, no tocante às transformações do panorama geopolítico com a

* O autor é consultor e presidente do Conselho de Comércio Exterior da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

emergência de novas potências, são bastante reveladoras e colocam o Brasil em uma posição de relevo.

• Os EUA continuarão a ser em 2020 a nação mais poderosa do mundo, embora cedendo gradualmente parcelas de poder, que será menor do que o detido hoje. Apesar das crescentes dificuldades econômicas internas e de segurança externa nos EUA, o mundo unipolar liderado por Washington continuará a existir nos próximos 15 anos.

• A Ásia será a região mais dinâmica nas primeiras duas décadas do século XXI. China e Índia emergirão como os novos atores globais no campo político e econômico, como resultado da combinação do elevado e sustentado crescimento econômico, da expansão da capacidade militar, da promoção ativa de tecnologia de ponta e da grande população. A China ultrapassará a todos em termos de gasto com a defesa, perdendo apenas para os EUA, e deverá transformar-se numa potência militar de primeira classe.

• A Europa, com uma dramática redução populacional, deverá perder posição relativa e se distanciar das duas novas potências emergentes, embora não se possa descartar a possibilidade de uma Europa mais forte e unida e de um Japão mais ativo internacionalmente.

• O Brasil, a África do Sul, a Indonésia e a Rússia poderão emergir como importantes potências econômicas, mas não terão a mesma influência política global da China e da Índia e, por isso, terão um impacto geopolítico mais limitado e dificilmente terão condições de se transformar em motores de crescimento econômico nas respectivas regiões.

• O aparecimento desses países poderá reforçar a atuação da China e da Índia e permitir a formação de novos alinhamentos internacionais, como foi o caso do G-20 no contexto da OMC.

O exame desses documentos aponta para uma situação bastante negativa para a América Latina. No sumário introdutório do Panorama para 2020, a região não é nem mencionada, o que não deixa de significar uma forte indicação da sua

desimportância para os rumos da política e da economia mundiais, na percepção da comunidade de tomadores de decisão em Washington.

A perspectiva é a de que a região continuará a perder influência nas questões mundiais e ficará crescentemente marginalizada e distante dos países desenvolvidos.

O Brasil e o Chile aparecem como exceções nesse cenário negativo por suas crescentes vinculações com os pólos dinâmicos da economia mundial, em especial com a Ásia. O Brasil é visto como um Estado-chave, por sua democracia vibrante, economia diversificada, população empreendedora e instituições econômicas sólidas, e seu desempenho exercerá uma profunda influência na região.

A perspectiva de o Brasil emergir como uma potência econômica global até 2020 torna urgente a discussão e a definição, a partir da próxima eleição presidencial em 2006, de uma agenda para o futuro e de uma sólida parceria entre governo e setor privado para assegurar a efetiva defesa do interesse nacional em um mundo em mudança.

(Transcrito de *O Globo*, de 8/2/05 - Resenha On Line CComSEx)

SAINDO DA AREIA MOVEDIÇA

*David Brooks**

Ao assistir às imagens de iraquianos fazendo fila para votar, mesmo diante de terroristas que ameaçavam banhar as ruas de sangue, não pude deixar de pensar em Whittaker Chambers.

Chambers rompeu com o Partido Comunista em 1938, testemunhou contra Alger Hiss em 1948 e então emergiu como um melancólico, mas profundo, defensor da liberdade. Chambers uma vez escreveu uma carta a William F. Buckley explicando que um ex-comunista tem certas vanta-

* O autor é colunista do jornal *The New York Times*.

gens para compreender a natureza verdadeiramente maligna de seu inimigo.

“Às vezes sinto”, escreveu ele, “que é necessária uma mente maculada para compreender - realmente compreender - a ameaça do comunismo. Realmente compreender o comunismo é ter-se sujado na lama: a visão que se tem do homem é corrompida para sempre. Compreender o comunismo significa compreender a terrível capacidade do homem para a violência e a traição, uma percepção daquilo que deixa alguém marcado para sempre.”

André Malraux leu a obra de Chambers e escreveu para ele: “Você é um daqueles que não voltaram do inferno de mãos vazias.”

Pensei em Chambers quando ouvi repórteres no Iraque observarem que, por trás da alegria e da jovialidade que vieram com a votação de domingo passado, os iraquianos mostravam algo mais austero: uma firme determinação de não deixar o mal triunfar.

Esses iraquianos são pessoas que, como Chambers, passaram sua vida no inferno e inevitavelmente foram afetadas por ele. Eles se sujaram na lama e testemunharam a capacidade do homem para a violência e a traição, ou dela participaram. E devem estar ao mesmo tempo abalados e fortalecidos.

Eles viveram a maior parte de sua vida sob a densa malignidade do regime de Saddam Hussein - as sepulturas coletivas, as salas de estupro, os ataques químicos, as guerras contra o Irã. Uma crueldade totalitária nessa escala teria de entrar na cabeça deles.

Quando os Estados Unidos derrubaram o regime do Partido Baath, o escritor iraquiano Kanan Makiya escreveu sobre um compatriota que perdera o irmão e fora preso por Saddam: “Tentem imaginar o pior e não chegarão nem perto da dor física que este homem sofreu. Esta é a matéria-prima humana para a qual querem construir a democracia.”

E da densa perversidade de Saddam essas pessoas foram empurradas para a acidental calamidade dos terroristas e da ocupação. Os terroristas de Zarqawi cometem assassinatos num estado de êxtase espiritual, enquanto os antigos baathistas nutrem

sua preferência por sadismo e dominação. Esses novos monstros trouxeram para o Iraque decapitações, bombas lançadas sobre multidões de crianças e enviaram pessoas portadoras da síndrome de Down para se tornarem inadvertidamente bombeiros suicidas.

E, mesmo assim, o que testemunhamos no Iraque é um povo que fez esforços tortuosos para escapar do fosso do niilismo rumo à normalidade, de um universo no qual a cédula de voto já vinha previamente preenchida para um universo no qual cada eleitor marca sua própria escolha. E esse é um passo nada pequeno.

Logo após a derrubada de Saddam, a liberdade transformou-se imediatamente em anarquia. Mas Michael Rubin, que passou boa parte dos últimos dois anos no Iraque, observou na segunda-feira, no *The Wall Street Journal*, que gradualmente os hábitos de moderação começaram a se desenvolver - os hábitos de autogestão de liberdade, compromisso, tolerância e compartilhamento do poder.

E então veio o ato de heroísmo em massa de domingo. Pela Internet e em entrevistas, os iraquianos tentaram transmitir a sensação tátil de sua nova migração para a normalidade.

“Todas as pessoas compreenderam que não estavam lutando sozinhas nesta batalha”, escreveu um eleitor. “Fui marcar meu dedo com tinta. Mergulhei-o tão profundamente como se estivesse furando os olhos de todos os tiranos do mundo.”

Orgulhosamente, eles descreviam sua própria libertação, tornando-se eles mesmos, finalmente, os iniciadores de sua própria vida.

A jornada para sair de onde essas pessoas estavam não terá sido um tiro certo, que possamos compreender prontamente. Em Washington, senadores usam argumentos simplistas sobre a melhoria no treinamento de soldados iraquianos, tentando reduzir problemas de motivação a questões de técnica. Ted Kennedy pronunciou alegremente um discurso na semana passada insistindo em que os terroristas estão ganhando a guerra dos corações e mentes dos iraquianos. Brent Scowcroft

advertiu sobre uma guerra civil incipiente, denegrindo a capacidade dos iraquianos de administrar suas próprias tensões.

Na realidade, essas são pessoas que votaram correndo riscos muitíssimo maiores diante da morte do que nós o fazemos em face das inconveniências. Essas são pessoas que usaram a campanha eleitoral como um processo de terapia e auto-educação. E são pessoas que acabaram de construir o governo mais democrático no mundo árabe.

Certamente enfrentarão mais guerra, tensão e corrupção. Mas não voltaram do inferno de mãos vazias. Voltaram, sim, com os dedos manchados de tinta.

<http://txt.estado.com.br/editorias/2005/02/02/aberto002.html>

AMÉRICA

*Michael Ventura**

Não existe idéia mais incrustada no nosso caráter nacional do que a idéia de que os EUA são “Nº 1”, “o maior”. Nossos meios de comunicação são, em essência, propagandas contínuas da marca “América é Nº 1”. Qualquer candidato a cargo eletivo que dissesse o contrário cometeria suicídio político. De fato, qualquer pessoa que diga o contrário ganha o rótulo de “antiamericano”. Somos um “império”, não somos?

É claro que sim. Um império sem base industrial. Um império que precisa pedir à concorrência um empréstimo de US\$ 2 bilhões por dia para funcionar. Não obstante, o delírio é incurável. Somos nº 1. Bem, é neste país que vocês moram.

– Os EUA são o 49º país do mundo em alfabetização (*The New York Times*, 12/12/04).

– Os EUA ficaram em 28º lugar dentre 40 países em conhecimentos elementares de matemática (*NYT*, 12/12/04).

– Vinte por cento dos norte-americanos acham que o Sol gira ao redor da Terra. Dezessete

por cento acreditam que a Terra dá uma volta por dia ao redor do Sol (*The Week*, 7/1/05).

– “Segundo a International Adult Literacy Survey, os norte-americanos com menos de 9 anos de educação formal tiveram notas piores do que praticamente todos os outros países” (livro muitíssimo bem-documentado de Jeremy Rifkin, *The European Dream: How Europe’s Vision of the Future Is Quietly Eclipsing the American Dream*, p. 78).

– Nossos trabalhadores são tão ignorantes e lhes faltam tantas habilidades elementares que as empresas norte-americanas gastam US\$ 30 bilhões por ano em treinamento suplementar (*NYT*, 12/12/04). Não é à toa que se mudam para outros países!

– “A União Européia está à frente dos EUA em número de pós-graduados em ciências e engenharia; despesas com pesquisa e desenvolvimento (P&D); e em levantamento de novas verbas” (*The European Dream*, p. 70).

– “A Europa ultrapassou os EUA em meados da década de 1990 na produção de literatura científica” (*The European Dream*, p.70).

– Não obstante, o Congresso cortou as verbas da National Science Foundation. A agência concederá mil bolsas a menos este ano (*NYT*, 21/12/04).

– O número de matrículas de estrangeiros nos cursos de pós-graduação dos EUA caiu 28% no ano passado. As matrículas de alunos estrangeiros em todos os níveis caíram pela primeira vez em três décadas, mas aumentou muito na Europa e na China. No ano passado, o número de pós-graduados chineses nos EUA caiu 56%, de indianos, 51%, e de sul-coreanos, 28% (*NYT*, 21/12/04). Não somos mais lugar para se viver.

– A OMS “classificou os países do mundo por desempenho geral na saúde, e os EUA [ficaram] em 37º lugar.” No tocante à equidade do sistema de saúde, estamos em 54º lugar.

– “A ironia é que os EUA gastam mais per capita na assistência médica do que qualquer outro país do mundo” (*The European Dream*, p. 79-80). Paga mais, obtém muito, muito menos.

* O autor é jornalista.

– “Os EUA e a África do Sul são os dois únicos países desenvolvidos do mundo que não oferecem assistência médica gratuita a todos os cidadãos” (*The European Dream*, p. 80). Com licença, mas desde quando a África do Sul é país “desenvolvido”? Enfim, é nesse tipo de companhia que andamos.

– A falta de cobertura de seguro-saúde é a causa de 18 mil mortes desnecessárias de norte-americanos por ano. (Seis vezes o número de pessoas mortas em 11/9.) (*NYT*, 12/12/05.)

– “A pobreza infantil nos EUA agora está em 22^a, isto é, em penúltimo lugar, entre os países desenvolvidos. Só ganha do México.” (*The European Dream*, p.81). Você esteve no México recentemente? Será que o país lhe parece “desenvolvido”? Contudo, é o único país “desenvolvido” com classificação inferior aos EUA em pobreza infantil.

– Doze milhões de famílias norte-americanas - 10% das residências - “continuam a lutar, e nem sempre com êxito, para se alimentar”. O número de famílias que “tinha membros que passavam fome em alguma época do ano passado” era 3,9 milhões (*NYT*, 22/11/04).

– Os EUA são o 41^a país do mundo em mortalidade infantil. Cuba está em melhor colocação (*NYT*, 12/1/05).

– Nos EUA, a probabilidade de morte de mulheres durante o parto é 70% maior do que na Europa (*NYT*, 12/12/05).

– A principal causa de morte de mulheres grávidas neste país é o homicídio (*CNN*, 14/12/04).

– “Dos 20 países mais desenvolvidos do mundo, os EUA ficaram em último lugar no índice de aumento de salários da sua força de trabalho na década de 1980. Na década de 1990, o índice médio de aumento aumentou muito pouco: 0,1% por ano”. (*The European Dream*, p. 39). Não obstante, os norte-americanos trabalham mais horas por ano do que qualquer país industrializado e têm férias mais curtas.

– “Sessenta e um por cento das 140 maiores empresas presentes nas classificações da *Glo-*

bal Fortune 500 são européias, ao passo que só 50 são norte-americanas” (*The European Dream*, p. 66). “Em pesquisa recente das cinquenta melhores empresas do mundo, realizada pela *Global Finance*, só uma era norte-americana.” (*The European Dream*, p. 69)

– “Quatorze dos vinte maiores bancos comerciais do mundo são hoje europeus. Na indústria química, a empresa européia Basf detém a liderança mundial e três das seis maiores do mundo são européias. As duas outras são japonesas. Nem uma única empresa de engenharia e construção dos EUA entre as nove maiores concorrentes do mundo. Em produtos alimentícios e de consumo, a Nestlé e a Unilever, duas gigantes européias, estão em primeiro e segundo lugares, respectivamente, no mundo. No comércio varejista de alimentos e medicamentos, duas empresas européias estão em primeiro e segundo lugares, e há cinco empresas européias entre as dez primeiras. Só há quatro empresas dos EUA na lista” (*The European Dream*, p. 68).

– Os EUA perderam 1,3 milhão de empregos para a China nos últimos dez anos (*CNN*, 12/1/05).

– Os empresários norte-americanos eliminaram 1 milhão de empregos em 2004 (*The Week*, 14/1/05).

– No ano passado, 3,6 milhões de norte-americanos perderam o seguro desemprego; 1,8 milhão - um a cada cinco - de desempregados já estão nessa situação há mais de seis meses (*NYT*, 9/1/05).

– Japão, China, Taiwan e Coreia do Sul detêm 40% da nossa dívida externa. (É por isso que somos simpáticos com eles.) “Ajudando a impedir o aumento dos índices de juros das hipotecas, a China passou a desempenhar um papel enorme e pouco percebido no sustento da explosão habitacional dos EUA” (*NYT*, 4/12/04). Leia duas vezes. Devemos a nossa explosão habitacional à China porque ela quer que continuemos a comprar tudo o que fabrica.

– No decorrer dos próximos dez anos, é provável que o Brasil ultrapasse os EUA e se tor-

ne o maior produtor agrícola do mundo. O Brasil é hoje o maior exportador mundial de frangos, suco de laranja, açúcar, café e tabaco. No ano passado, o Brasil ultrapassou os EUA na categoria de maior produtor de carne bovina do mundo. (Ouviram, seus caubozinhos iludidos?) Em consequência disso, enquanto batemos o recorde de déficits na balança comercial, o Brasil ostenta um superávit de US\$ 30 bilhões (NYT, 12/12/04).

— A partir de junho de 2004, os EUA importaram mais alimentos do que exportaram (NYT, 12/12/04).

— Bush: 62.027.582 votos. Kerry: 59.026.003 votos. Número de eleitores inscritos que não compareceram às urnas: 79.279.000 (NYT, 26/6/04). Isso é mais do que 1/3. Muito mais. Se mais de 1/3 dos iraquianos se abstiverem nas eleições de seu país, nenhum país do mundo vai achar que as eleições foram legítimas.

— Um terço das crianças norte-americanas é ilegítimo. Metade das crianças norte-americanas passará a infância em lar onde vive apenas um dos pais. (CNN, 10/12/04).

— “Os norte-americanos estão gastando mais em jogos de azar do que em cinema, vídeos, DVD, música e livros somados” (*The European Dream*, p. 28).

— “É de quase um para quatro a proporção de norte-americanos que [crêe] ser aceitável o uso da violência para obter o que querem”. (*The European Dream*, p.32)

— Quarenta e três por cento dos norte-americanos acham que, às vezes, a tortura é justificada, segundo uma nova pesquisa da PWE (*Associated Press*, 19/8/04).

— “Quase novecentos mil crianças foram vítimas de abusos ou negligência em 2002, o último ano em que foram publicados esses dados” (*USA Today*, 21/12/04).

— “Segundo a International Association of Chiefs of Police, os cortes feitos pela administração [Bush] na verba federal para as agências

policiais locais deixaram o país mais vulnerável do que nunca” (*USA Today*, 17/11/04).

Nas mais importantes categorias, não mais estamos nem entre os 10 primeiros. Nem próximos. Os EUA não são “Nº 1” em nada além de armamentos, consumo e dívidas.

(De NY. Tradução de Jussara Simões)

DIPLOMACIA SEM RESPALDO

Antônio Sepúlveda

São inócuos os protestos do ministro Celso Amorim ante a proposta do francês Pascal Lamy de submeter a Amazônia a uma gestão global. A História ensina, com exemplos lapidares, que o mundo não costuma prestar atenção ao que dizem nações destituídas de um poder militar que lhe respalde os interesses e pretensões no cenário político-estratégico internacional. Nenhum silogismo diplomático, por melhor que seja, consegue prevalecer por si só; o argumento precisa ter, atrás de si, uma esquadra, divisões blindadas e coberturas de caças capazes de dissuadir imposições inadmissíveis. Sempre foi assim, desde muito antes das guerras púnicas; e pelo andar da carruagem, nada mudou no limiar do século XXI.

Isso é errado? É falta de bom senso? É inaceitável? É. Mas a vida é assim, a dura realidade é esta. Um país com muito a perder e sonhos de soberania sobre a própria riqueza precisa saber deter uma possível ameaça mediante a capacidade de infligir no agressor danos inaceitáveis, ainda que esse agressor disponha de um poder de fogo maior. Enfim, não se pode, irresponsavelmente, prescindir da segurança de um poder militar capaz de dissuadir a coerção em momentos críticos.

Como podemos então entender o nítido processo de depreciação das Forças Armadas e o aviltamento da qualidade de vida do pessoal militar perpetrado por este governo de Lula da Silva? Se a resposta for uma espécie de desforra de caráter

político, trata-se evidentemente de inominável estupidez, autoflagelação, quase suicídio. Os militares são o suporte de qualquer iniciativa para a consecução dos propósitos vitais de um Estado. Nenhuma nação jamais foi criada ou preservada ou eliminada sem a interferência de forças armadas que agiram ou reagiram em prol de algum objetivo político. A regularidade da trajetória humana mostra que a existência e a perspectiva de futuro de um país sempre dependeram, direta ou indiretamente, de seus marinheiros e soldados. Não adianta o Estado delinear estratégias e colimar ambiciosos objetivos nacionais, se for incapaz de sequer incluí-los na pauta das negociações internacionais.

O sucateamento das Forças Armadas do Brasil e a desmoralização sistemática dos seus componentes são, portanto, atitudes masoquistas e temerárias. Por falta de percepção geopolítica, com a eterna desculpa de outras prioridades que também nunca são atendidas, dissolve-se um patrimônio respeitável, fruto dos esforços de inúmeras gerações de planejadores vaticinantes e abnegados. A obtusidade deste governo de burocratas não enxerga o valor do adestramento, da capacidade de mobilização, da prontidão estratégica e, sobretudo, da elevação do moral da tropa. O Estado brasileiro é inchado e retrógrado; o governo mostra-se inepto e demagogo; não há liderança tangível; imperam a corrupção e o descaminho. O último bastião eram os hoje humilhados militares. A quem interessa este cenário?

O Sr. Lamy pode, sim, subestimar a capacitação brasileira, propor a adoção de regras de gestão coletiva para uma Amazônia internacional e requisitar a região como um "bem público mundial", porque ele não tem motivos para se preocupar com alguma reação nacional significativa além dos pitis, fricotes e faniquitos de airosos diplomatas. Celso Amorim acreditou que tinha condições de se aproveitar das declarações de Pascal Lamy para empurrar a candidatura do embaixador Luiz Felipe Seixas Corrêa para o posto máximo da Organização Mundial do Comércio. Ato contínuo, o nome do brasileiro foi cortado pela OMC; como quem

diz: cresça e apareça. Será que tratariam a China com tamanho desprezo? Pouco provável.

(Publicado no *Jornal do Brasil* em 27/04/2005)

A DIFUSÃO DA IGNORÂNCIA

Olavo de Carvalho

A proliferação de revistas de "divulgação científica" seria um benefício incalculável para o povo se elas não fossem escritas, em geral, por semi-intelectuais que melhor fariam em guardar para si suas idéias bobocas. Outro dia, vi numa dessas publicações uma reportagem que, com o ar triunfante de quem esmaga o obscurantismo religioso sob as patas soberanas da "ciência", explicava as curas miraculosas como efeitos da ativação de certas áreas cerebrais pela prece fervorosa, sem necessidade de mediação externa, divina, entre o pedido e a realização. Isso quer dizer que, se você pedisse o milagre a Baal, a Belzebu, ao Rei Momo, a São Lulinha ou até a São-Você-Mesmo, obteria idêntico resultado, contanto que chacoalhasse as áreas certas da sua massa cinzenta. Só que, alçado o cérebro às alturas dessa onipotência, os efeitos da mera auto-sugestão seriam indiscerníveis das curas pela fé religiosa e as igualariam ou superariam em número. E, se tamanha fosse a eficácia da auto-sugestão, ela simplesmente eliminaria a possibilidade de testar medicamentos pelo método duplo-cego com efeito placebo. Num relance, a pesquisa científica em medicina estaria abolida, e então não faria o menor sentido alegar sua autoridade contra as pretensões da religião ou até da superstição pura e simples. O autor da matéria nem de longe se dava conta dessa conseqüência imediata e incontornável do seu raciocínio. Pensar, definitivamente, não era o seu forte.

Com a mesma arrogância pueril com que investem contra a religião sem perceber que seu secularismo materialista não é uma ciência e sim apenas uma credence pseudo-religiosa, os professores de "ciência popular" se imaginam heróis li-

bertadores ao atacar os valores e símbolos nacionais, sem notar que com isso produzem apenas um estado de desorientação geral do qual as primeiras vítimas são eles próprios.

No último número da revista *Nossa História*, o professor Luis Felipe da Silva Neves declara que o desempenho do marechal Mascarenhas de Moraes no comando da FEB na Segunda Guerra Mundial “deixou muito a desejar para qualquer um que possua um mínimo de conhecimento de história militar”. A afirmativa atesta que, de fato, o professor Silva Neves possui esse conhecimento em dose mínima. Ele entende tanto de história militar quanto eu de criação de rouxinóis. O general Geraldo Luiz Nery da Silva, coordenador do projeto de História Oral do Exército, já lhe respondeu em carta à revista:

“Há dezenas de fontes primárias valiosas que mostram o erro palmar em que incorreu o professor Luis Felipe nos comentários sobre a figura de Mascarenhas de Moraes. Como coordenador e entrevistador do Projeto de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial, ouvi, pessoalmente, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, mais de cem colaboradores, civis e militares, entre os 180 ex-combatentes entrevistados em todo o Brasil, não havendo em nenhuma entrevista qualquer referência negativa, por menor que seja, ao comandante da FEB e da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária.”

Se o comandante da FEB fosse tão ruim quanto a revista diz, ao menos dois ou três dentre aqueles 180 soldados deveriam ter percebido isso antes do professor Silva Neves. Mas o testemunho deles coincide em gênero, número e grau com o do general Carlos de Meira Mattos, que assessorou o marechal durante toda a Campanha da Itália, como membro de seu estado-maior e atesta “a sua capacidade de comando e sua invulgar dignidade”. Este coincide por sua vez com o dos comandantes operacionais a que então Mascarenhas estava submetido, os generais Clark, Truscott e Crittenger. Uai, se um chefe militar é aprovado por seus comandados, por seus comandantes e pelo seu esta-

do-maior, a quem mais ele deveria satisfações quanto ao seu desempenho? Aos iluminados acadêmicos? Aliás, como poderia esse desempenho ter sido melhor? Mascarenhas obteve no campo de batalha o máximo que um comandante pode alcançar: a vitória. E a vitória em condições precaríssimas, nas quais milhões de Silvas Neves não saberiam senão chorar e chamar a mamãe.

(Transcrito de *Zero Hora* em 03.05.2005)

O VALOR MILITAR DO GENERAL MASCARENHAS DE MORAES NO TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITÁLIA

*Geraldo Luiz Nery da Silva**

“Trabalhei com o General Mascarenhas durante toda a guerra. Sempre vi nele uma pessoa capaz, compreensiva e um comandante que conhecia o significado da palavra liderança.”

(Gen Mark Clark - Comandante do V Ex. norte-americano no TO da Itália)

A primeira grande consideração a ser feita é que Mascarenhas, como comandante de Divisão, demonstrou que sua larga visão ultrapassava o campo tático e chegava ao campo da estratégia. A sua criativa e oportuna decisão de dar todos os meios motorizados disponíveis ao deslocamento da Infantaria, após a conquista de Montese - ocorrida entre 14 e 17 de abril de 1945 -, inclusive as viaturas da Artilharia, para impedir o retraimento alemão e cercá-lo no vale do Rio Pó (manobra de Collecchio e Fornovo), abreviou a guerra no TO italiano, com a rendição da 148ª DI alemã (General Otto Freter Pico) e de uma Divisão italiana (General Mario Carloni).

Este fato, por si só, ora narrado sinteticamente, demonstra que Mascarenhas, por dever de justi-

* O autor é General-de-Brigada e Coordenador Regional do Projeto História Oral do Exército.

ça, merece ser visto, inclusive, como estrategista de escol, apesar de avesso a arrebatamentos. Praticamente, esgota este assunto a entrevista (Tomo 1 - p. 189 e 190, Coletânea de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial), do Coronel Francisco Ruas Santos, Capitão Comandante da Companhia de Serviços/11^º RI/FEB (encarregado do apoio logístico ao Regimento) e brilhante professor de História Militar da AMAN, do qual tive a honra de ter sido aluno quando cadete. Mostra Ruas Santos, com a ênfase e a segurança que lhe são peculiares, a influência decisiva de Mascarenhas de Moraes no êxito obtido pela tropa brasileira na fase do Aproveitamento do Êxito e da Perseguição. Senão vejamos:

"Sobre as operações desenvolvidas pela FEB, na Campanha da Itália, gostaria de destacar a vitória de Collecchio-Fornovo. Ela foi obtida graças a uma decisão pessoal do General Mascarenhas de Moraes, decisão pessoal, torno a frisar, e de "risco calculado". Como precisava dar velocidade à Infantaria que não era motorizada, ele correu o risco de colocar a sua Artilharia "a pé". Essa providência deu condições à nossa tropa de surpreender uma divisão alemã em retirada, cuja missão seria participar de uma contra-ofensiva, a partir do vale do Rio Pó. Toda aquela montagem executada pelos alemães para retardar ou até, talvez, derrotar a ofensiva aliada foi por "água abaixo". Eles acabaram reconhecendo que não poderiam realizar aquela contra-ofensiva e se entregaram, no dia 2 de maio, uma semana antes da sua derrota final.

A vitória obtida em Collecchio-Fornovo foi o fato mais impressionante na campanha da nossa Força. Isso demonstrou que a FEB tinha, realmente, alcançado um estágio igual ao de uma tropa de elite, e o General Mascarenhas, ao tomar uma decisão de "risco calculado", sabia o que estava fazendo. A sua operação foi, plenamente, vitoriosa. Isso é, de certo modo, ignorado por aqueles que deveriam saber a verdade das coisas.

A nossa história está repleta de estereótipos. Com relação à FEB, existem alguns, mas a verdade

e a justiça têm de aparecer um dia, através da pesquisa. Vejamos o exemplo da guerra holandesa. Somente através da investigação fiquei sabendo que ela também ocorrera na Amazônia, onde, aliás, os holandeses tinham uma grande vantagem: possuíam uma base na Guiana para operar na região. Foram derrotados pelos portugueses e pelos nossos combatentes, não se fixando na área. Portanto, a guerra holandesa ocorreu no Nordeste e na Amazônia, mas o estereótipo nos conduz à guerra holandesa do Nordeste. Temos de acabar com isso.

Na história da FEB, os estereótipos são: Montese, Monte Castelo e outros. Mesmo que não tivéssemos conquistado Monte Castelo, a guerra seguiria seu curso normal, mas ao realizarmos aquela ofensiva com a Infantaria, motorizada pela decisão do General Mascarenhas, nós apressamos o fim da guerra na Itália e evitamos um desfecho desfavorável. É preciso sair da estereotipagem e exaltar a vitória de Collecchio-Fornovo, que foi uma excepcional vitória estratégica da FEB - enquanto Montese e Monte Castelo foram vitórias táticas. Normalmente, uma Divisão de Infantaria não faz estratégia, mas a nossa fez. O General João Baptista Mascarenhas de Moraes é o responsável direto por essa conquista, uma das mais significativas vitórias da Força Terrestre Brasileira. Isto precisa ficar bem claro. Cumpre sair da estereotipagem e exaltar essa vitória de nossa Força Expedicionária. História é "Verdade e Justiça", já dizia o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, há cerca de cem anos. No caso, a justiça é devida, principalmente, ao General Mascarenhas de Moraes, hoje, por uma justa homenagem, Marechal.

Releva citar, nestas considerações, a palavra categorizada sobre o Marechal Mascarenhas de Moraes que é a do seu principal biógrafo, General Carlos de Meira Mattos, autor do livro *O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua Época*, em dois volumes, trabalho de quem conheceu o Marechal bem de perto, sobretudo na Campanha da Itália.

O renomado General Meira Mattos pertence ao pequeno grupo de colaboradores diretos

do marechal na elaboração de seu livro *A FEB pelo seu Comandante*, tendo sido também por ele distinguido para prefaciar o seu livro, em dois volumes, sob o título *Marechal Mascarenhas de Moraes - Memórias*, que é um depoimento histórico, escrito no estilo simples e austero que sempre caracterizou a personalidade imutável do ilustre comandante da FEB.

“Não basta para recomendar, sobretudo em termos de autenticidade, a reconhecida capacidade que o General Meira Mattos tem para escrever a biografia de uma personalidade que se inseriu



O General Mascarenhas em seu Posto de Observação durante as operações sobre Monte Castelo

com tanta projeção na História do Brasil. O que é mais relevante e dá mais autoridade a quem se propõe a sintetizar uma vida tão densa e tão fecunda é bem conhecê-la, de ciência própria”. E esse aspecto também credencia Meira Mattos para ser o biógrafo do marechal.

Para apresentar a palavra de Meira Mattos sobre Mascarenhas, escolhi, entre os livros, prefácios e artigos que ele escreveu, o último parágrafo de sua brilhante entrevista para a História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial - Tomo 1, p. 80 em que diz, com muita sinceridade e ponderação: “Concluindo meu depoimento, gostaria de afirmar que a atuação da Força Expedicionária Brasileira foi, indiscutivelmente, uma consagração. Ela lutou e venceu. Cometeu falhas e teve de aprender na dureza do combate, mas toda força

incorre em erros. Soube enfrentar as dificuldades e superá-las, como mostra o resultado consagrador de uma campanha vitoriosa.”

Tivemos a sorte de sermos comandados pelo então General João Baptista Mascarenhas de Moraes. Não havia um comandante mais adequado para a Força Expedicionária Brasileira. Porque aconteceu que precisamos nos enquadrar num dispositivo militar muito grande e não adiantava ter gente de arroubos. Estávamos num conjunto de 24 divisões atuando no Teatro de Operações, e cada uma recebia um pedacinho da missão que vinha dos escalões superiores. Essa era a realidade, e não adiantava, até a fase do Aproveitamento do Êxito, você achar que era um grande estrategista ou um grande tático, porque você tinha de atacar Monte Castelo, no dia e hora determinados, que precisavam ser respeitados pelo reflexo que traziam em outra operação, cujo desencadeamento, por sua vez, influiria numa terceira e, assim, sucessivamente. Entendo que a grande qualidade do Gen Mascarenhas de Moraes foi a seriedade, e os comandos norte-americanos logo viram que estavam tratando com uma pessoa íntegra, de palavra, na qual podiam confiar. Ele conduziu muito bem a tropa, sem arroubos e exageros, com uma disciplina férrea.

Por tudo isso, Mascarenhas deixou o Teatro de Operações da Itália admirado e respeitado por todos os generais aliados que com ele lidaram por força de suas funções, reconhecimento que também obteve de seus subordinados sem exceção.

Ainda para corroborar a versão histórica consagrada de Mascarenhas, devo ressaltar que ouvi, pessoalmente, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, como Coordenador e Entrevistador do Projeto de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial, mais de cem colaboradores, civis e militares, entre os 180 ex-combatentes entrevistados em todo o Brasil, não havendo em nenhuma entrevista qualquer referência a respeito do comandante da FEB e da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) que não tenha contribuído para imortalizá-lo definitivamente. ●